

# A PRODUÇÃO (MICRO)CERVEJEIRA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL: DA DECADÊNCIA PRODUTIVA A RENOVAÇÃO DO SETOR

Tiaraju Salini Duarte<sup>1</sup>  
William Martins Lourenço<sup>2</sup>  
Guilherme Fontana<sup>3</sup>  
Eduardo Schumann<sup>4</sup>

**Resumo:** A produção cervejeira no Brasil apresenta-se como um importante setor da economia e, nesse contexto, o estado do Rio Grande do Sul desponta como um dos principais polos produtivos do território nacional. A partir dessa conjuntura, elenca-se como objetivo da pesquisa analisar a produção (micro)cervejeira no estado sulino em dois recortes temporais: o primeiro, centrado no processo de estruturação e decadência da produção e, o segundo, denominado de renovação produtiva. Como metodologia, foram utilizadas as bases de dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento em conjunto com análise bibliográfica. Os resultados demonstram que ao longo do processo histórico da produção cervejeira o estado gaúcho despontou como um dos principais centros produtivos nacionais do século XIX e início do XX. Além disso, apontamos que no século XXI há um movimento de renovação do setor derivado da inserção de atores regionais no processo produtivo.

**Palavras-chave:** (Micro)cervejarias, Rio Grande do Sul, Decadência, Renovação, Produção.

## THE MICROBREWERY PRODUCTION IN THE STATE OF RIO GRANDE DO SUL: FROM ITS PRODUCTION DECAY TO THE RENOVATION OF THE SECTOR

**Abstract:** The production of beer in Brazil shows itself as an important sector of the economy, in this context, the Rio Grande do Sul state emerges as one of the main production poles of the national territory. From this conjecture, we link the objective of this research, analyse the productivity of microbreweries in the southern state in two spatial cuts: the first, focused on the process of restructure and decay of production, and, the second, we called productive renewal. On the methodological perspective, we used the database of Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento jointly with bibliographical analysis. The results demonstrate that in the course of the historical process of beer production, the southern state emerged as one of the main productive centers of the country between the 19th and early 20th century. Further-

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto do curso de Geografia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Email: [tiaraju.ufpel@gmail.com](mailto:tiaraju.ufpel@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Email: [lourençowiljilou@gmail.com](mailto:lourençowiljilou@gmail.com)

<sup>3</sup> Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Email: [memifontana@gmail.com](mailto:memifontana@gmail.com)

<sup>4</sup> Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Email: [eduardoschumann01@gmail.com](mailto:eduardoschumann01@gmail.com)

more, we do point that in the 21st century there is a renovation movement of the sector arising from the insertions of local/regional players in the productive process.

**Keywords:** Microbreweries, Rio Grande do Sul, Decay, Renovation, Production.

## INTRODUÇÃO

A produção da cerveja no mundo consolidou-se nas últimas décadas como uma das principais atividades industriais. Segundo dados do Relatório BarthHaas (2020), após cinco anos de queda no volume produzido no mundo, o ano de 2019 apresentou um aumento significativo do consumo e da produção, o que revela a importância do setor e sua possível retomada.

O acréscimo no consumo, contudo, não ocorreu de forma homogênea; regiões como a Europa apresentaram uma queda de -0,2%, assim como o continente Africano com decréscimo de -0,6%. A Ásia, que em 2018 havia apresentado uma retração em seu mercado de -8,9%, no ano seguinte despontou com um crescimento de 1,1% (o maior entre todas as regiões do mundo); e a América do Sul apresentou um aumento de 1,6% nesse período. Ainda, apontamos que existem 172 países produtores de cerveja no mundo, sendo que os cinco maiores são representados, em ordem decrescente, por: China, Estados Unidos da América, Brasil, México e Alemanha (BARTHAAS, 2020).

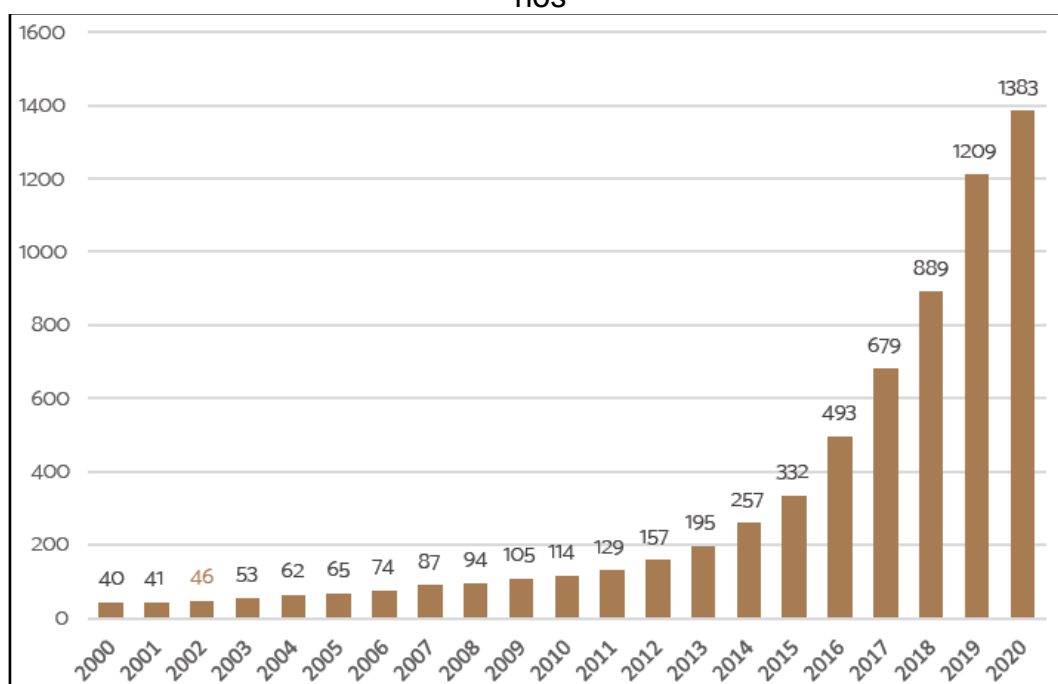
Percebe-se, a partir desse contexto, que o setor cervejeiro mundial apresenta características distintas nas mais diversas áreas do globo em que se insere, não obstante há uma similaridade: a oligopolização do mercado mundial. Para corroborar com essa perspectiva, apontamos que apenas cinco empresas são responsáveis por aproximadamente 60% da produção mundial de cerveja, sendo elas: AB InBev (29,3%), Heineken (12,6%), China Res. Snow Breweries (6%), Carlsberg (5,9%) e Molson Coors (4,8%) (BARTHAAS, 2020).

No que tange ao mercado Brasileiro, este apresenta-se como o terceiro maior produtor de cerveja no mundo e, segundo a Associação Brasileira da Indústria da Cerveja (CERVBRASIL, 2021), o setor abrange 1,6% do Produto Interno Bruto (PIB) do país, tendo rendimento anual de aproximadamente 107 bilhões de reais. Além disso, o setor emprega cerca de 2,7 milhões de trabalhadores de forma direta e indireta, envolvendo toda uma estrutura produtiva e comercial que perpassa desde a agricultura até serviços e comércio de produtos ligados à produção da bebida.

De forma igualitária ao cenário mundial, o Brasil também vivencia um processo de concentração produtiva, sendo que 68% do mercado industrial de cerveja é dominado pela AB InBev, 17% pela Heineken e 14% pela cervejaria nacional Petrópolis. As três empresas juntas abarcam 99% do mercado brasileiro (MARCUSO, 2015; LIMBERGER; ESPÍNDOLA, 2019).

Apesar dessa dinâmica de oligopolização do setor cervejeiro no Brasil, destaca-se que há um movimento de renovação não só da produção, mas também do mercado consumidor desse produto, conforme apontam estudos de Carlson e Wehring (2011); Giorgi, (2015); Limberger e Tulla (2017); Marcusso (2021). Conforme nos demonstram os dados disponibilizados pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), há um exponencial aumento de empreendimentos cervejeiros no território nacional nos últimos 20 anos (gráfico 01).

Gráfico 1. Número de Cervejarias registradas no Brasil ao longo dos últimos 20 anos



Fonte: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2021.

O crescimento evidenciado é fruto, em grande medida, das mudanças desse setor tanto em ordem produtiva como mercadológica. Neste sentido, o movimento de renovação está atrelado a uma série de novas dinâmicas que surgem neste recorte temporal como, por exemplo, a maior facilidade de acesso a insumos por pequenos produtores, acesso à informação, criação de grupos que visam fomentar uma rede de conhecimentos sobre o processo produtivo, mudanças nos hábitos de consumo, entre outras características, conforme apontam as pesquisas de Marcusso (2015; 2021), Rosalin e Gallo (2015), Limberger (2017) e Limberger e Espíndola (2019).

Destes novos atores emergentes, a sua grande maioria caracteriza-se como pequenos e médios estabelecimentos dispersos de forma heterogênea no território nacional. Em termos produtivos, nota-se uma significativa concentração de empreendimentos (micro)cervejeiros no eixo Sul-Sudeste do Brasil (MAPA, 2020), ganhando destaque o estado do Rio Grande do Sul não somente no cenário atual, mas também devido a uma histórica relação com a produção cervejeira.

Frente a esse contexto, o presente artigo elenca como objetivo geral analisar a produção (micro)cervejeira no estado do Rio Grande do Sul em dois recortes temporais: o primeiro, centrado no processo de estruturação e decadência da produção no estado durante o final do século XIX e ao longo do século XX; o segundo, denominado de renovação produtiva, a qual ocorre principalmente na virada do século XX para o XXI.

A escolha em estabelecer um estudo sobre o Rio Grande do Sul justifica-se tendo em vista que se evidenciou no estado, nos últimos anos, um considerável acréscimo de produtores que vem dinamizando o mercado regional. Ademais, destacamos que o estado sulino possui uma histórica relação com esse setor, sendo considerado um dos berços da produção de cerveja artesanal brasileira (DUARTE; LOURENÇO; FONTANA, 2020; MARCUSSO, 2021).

Para atingir o objetivo aqui proposto, este trabalho divide-se metodologicamente em etapas: a primeira foi destinada a uma revisão bibliográfica sobre o de-

envolvimento do setor cervejeiro no Rio Grande do Sul (com base nos preceitos da Geografia histórica) no período que compreende o final do século XIX e início do XX. Após, também foi realizado um levantamento sobre a estrutura territorial da produção na contemporaneidade.

No segundo momento, para analisar o movimento de renovação produtiva, foram coletados dados junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2021) referente ao número de cervejarias registradas no Brasil e no Rio Grande do Sul por município no século XXI. Com o acesso a essa base, foi realizada uma busca em sites oficiais de todas as cervejarias do estado gaúcho, objetivando levantar informações pertinentes sobre as empresas. Por fim, os dados foram tabulados no software Excel, bem como foi desenvolvida sua espacialização utilizando o software QGIS.

## A TERRITORIALIDADE (MICRO)ERVEJEIRA NO RIO GRANDE DO SUL: ORIGEM, ASCENSÃO E DECADÊNCIA PRODUTIVA

Pensar as territorialidades (micro)ervejeiras significa analisar os diversos meandros que compõe não somente o processo de produção da cerveja, mas também o comércio, o consumo e os símbolos que foram construídos historicamente a partir desta bebida. Conforme aponta Marcuso (2021) os territórios cervejeiros são constituídos a partir das múltiplas relações de poder projetadas no espaço derivados dos diferentes usos que cada grupos social faz dele. Neste sentido, o território apresenta-se como uma realidade/unidade ativa, possuindo características específicas construídas pelos atores sociais que ali estão inseridos e que movimentam o universo (micro)ervejeiro tanto de forma material como simbólica.

Em dialogo, Saquet (2011) destaca que

O território é produto social e condição. A territorialidade também significa condição e resultado da territorialização. O território é o conteúdo das formas e relações materiais e imateriais, do movimento, e significa apropriação e dominação, também material e imaterial. (SAQUET, 2009, p. 90)

Por meio desta perspectiva, entende-se o caráter multidimensional e multiescalar do território e das territorialidades, os quais são entendidos como uma "construção coletiva e multidimensional" (SAQUET, 2009, p. 81). Logo, o território sempre encontra-se em movimento, fonte das transformações das relações humanas e suas inúmeras formas de manifestar-se no espaço, como apontam Souza (2018), Saquet e Briskievicz (2009), Saquet (2009), Haesbaert (2004; 2016)

No que tange a cerveja, destacamos que esta constitui-se como um "elemento de mediação que cria e dá sentido a seus cotidianos e formas de vida, uns mais envolvidos com questões econômicas e políticas [...] outros mais ligados as características simbólicas (MARCUSO, 2021, p. 152). Nesta lógica, as territorialidades (micro)ervejeiras representam uma "tentativa consciente dos indivíduos ou grupos de estabelecer, reconstruir e cultivar laços locais, identidades locais, e cada vez mais, economias locais" (SCHNELL & REESE, 2014, p. 168, tradução nossa<sup>5</sup>).

Logo, o conceito de territorialidade (micro)ervejeira é entendido como algo fluído, relacional, multidimensional e multifacetado. Analisando as facetas desse fe-

---

<sup>5</sup> Em inglês, no original: "conscious attempt of individuals and groups to establish, rebuild, and cultivate local ties, local identities, and increasingly, local economies".

nômeno podemos compreender como as dinâmicas locais e regionais transformaram as relações entre os atores e sua cultura por meio da produção e do consumo desta bebida.

Contudo, salientamos que o acesso a algumas bebidas alcoólicas na história do Brasil evidencia, em grande medida, a exclusão social de determinados grupos que não detinham poder econômico para adquirir tais produtos. Como destaque, sobressaem-se o vinho e a cerveja como mercadorias nobres, importadas e endereçadas a populações com maior poder aquisitivo. No decorrer do tempo, principalmente nos séculos XVIII e XIX, o consumo de bebidas alcoólicas em larga escala restringia-se a aguardente originária da fermentação da cana-de-açúcar.

As mudanças no mercado de bebidas que deram origem à produção da cerveja no Brasil<sup>6</sup> em maior escala centram-se em dois eventos históricos: a abertura dos portos no ano de 1808 e o início da imigração alemã na primeira metade do século XIX. A primeira conjuntura citada está relacionada ao contexto das guerras napoleônicas (1803 a 1815), culminando com a carta régia assinada pelo Príncipe-regente de Portugal Dom João de Bragança que possibilitou a abertura dos "portos do Brazil ao commercio directo estrangeiro com excepção dos gêneros estancados" (COLEÇÃO DE LEIS DO BRASIL, 1808).

O movimento geopolítico possibilitou a inserção de outros gêneros de bebidas no território nacional por produtores ingleses, entre eles as cervejas. Todavia, destaca-se que mesmo com o aumento do consumo, esses produtos continuavam destinados a populações de alta renda. Esse contexto começa a transformar-se nos meandros do século XIX, mais especificamente no ano de 1824, com a chegada dos primeiros imigrantes alemães ao Brasil, os quais concentraram-se, principalmente, nas regiões sudeste e sul.

No que tange ao Rio Grande do Sul, conforme apontam Franz (2020), Brum Neto (2012) e Furtado (2005), a imigração alemã está relacionada ao incentivo de políticas específicas que visavam ocupar áreas devolutas e estimular a produção de gêneros alimentícios. A concentração inicial dos imigrantes alemães ocorreu nas áreas do Vale do Rio dos Sinos e Vale do Caí, Região Central do estado, em pequenas unidades territoriais que foram denominadas, posteriormente, de colônias. A situação existente nessas localidades, num primeiro momento isoladas, eram de uma precariedade absoluta (FURTADO, 2005), regredindo a um sistema de subsistência com escasso apoio de políticas públicas para a sua sustentação. Esta conjuntura, de insuficiência estrutural das colônias, fez com que os imigrantes dessas localidades se apegassem a seus preceitos culturais enraizados na memória, buscando no processo de reterritorialização um retorno (ainda que impossível em plenitude) às suas origens.

Dentro desse movimento, um dos produtos que ganhou relevância simbolicamente para os grupos mencionados foi o labor cervejeiro. No contexto colonial gaúcho do século XIX, a produção da cerveja em sua gênese ocorreu na escala local/familiar por meio do saber-fazer herdado. Assim, produz-se uma territorialidade cervejeira primária, a qual foi fundamental para a construção dos processos de identificação e reorganização da vida cotidiana dos imigrantes alemães (SAQUET; BRISKIEVICZ, 2009, p. 08).

Logo, percebe-se que as ações dos imigrantes foram construídas através de valores simbólicos que podem revelar-se concretos e/ou abstratos, dependendo da

---

<sup>6</sup> Conforme apontam Rotolo e Marcusso (2019) a primeira cervejaria brasileira teve origem no atual estado do Recife no ano de 1641.

especificidade designada pelo grupo social ao longo de sua história. Todos esses fenômenos se expressam no espaço, produzindo múltiplas territorialidades distintas em diversas esferas sociais, configurando-se como movimentos de resistência e apego a determinados preceitos para a própria sobrevivência. A construção dessas territorialidades produzirá o que Bonnemaïson e Cambrezy (1996) denominam de “laço territorial”, ou seja, uma série de valores (éticos, simbólicos e afetivos) que se manifestam no espaço.

As primeiras territorialidades produzidas por meio do labor cervejeiro nas áreas primárias de ocupação dos imigrantes alemães ocasionaram uma pequena produção de excedentes dessa bebida, os quais passam a ser comercializados não somente entre os imigrantes nas colônias, mas também adentram ao mercado consumidor do principal aglomerado urbano do Rio Grande do Sul da época: a capital Porto Alegre. A produção cervejeira conquistou tamanha importância no referido período que o plantio da cevada foi incentivado por políticas estaduais, conforme atesta Brum Neto (2012, p. 143): “a cevada, por ser a matéria-prima de fabricação da cerveja, teve incentivos governamentais para sua produção, dentre os quais destaca-se o fornecimento de sementes”.

Nesse sentido, conforme foi apontado em Duarte, Lourenço e Fontana (2020), podemos aferir que a imigração alemã para o estado gaúcho irá se constituir como um dos principais marcos para a consolidação da produção industrial cervejeira no Brasil. Relevante destacar que, concomitante ao movimento cervejeiro originando no Rio Grande do Sul na primeira metade do século XIX, existem outros estados que também registram pequenas unidades fabris, como no Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina (LIMBERGER; ESPINDOLA, 2019).

Com o aumento do consumo da cerveja no estado gaúcho ocorreu um processo de deslocamento da produção industrial após 1850 para áreas com maior proximidade com o mercado consumidor. Assim, além das cervejarias formadas nas áreas de colonização alemã, originaram-se as primeiras cervejarias na capital Porto Alegre. Pesavento (1981) afirma, por meio da análise dos almanaques administrativos do comércio e indústria do Rio Grande do Sul do ano de 1874, que existiam sete cervejarias registradas e em plena produção no município de Porto Alegre no referido período. Concomitante a isso, forma-se na Região Sul do estado, no polo econômico de Pelotas, as primeiras (micro)cervejarias no ano de 1876, fruto do processo de migração de produtores originários da região do Vale dos Sinos para este município.

Configura-se no Rio Grande do Sul, na virada do século XIX para o XX, um eixo de produção no estado que concentra as indústrias nas regiões coloniais alemãs (Vale dos Sinos e Vale do Caí), na capital do estado e no polo econômico de Pelotas (PESAVENTO, 1981; DUARTE; LOURENÇO; FONTANA, 2020). Após esse processo embrionário, há o desenvolvimento do setor por meio da ampliação da estrutura produtiva no início do século XX, principalmente centrada na passagem de uma produção familiar/artesanal para a industrial.

A ascensão das cervejarias dentro de um modelo industrial será acompanhada pela incorporação de empresas menores (que desapareceram do mercado gaúcho) e por uma série de melhoramentos técnicos, os quais possibilitam o aumento da produção. Pesavento (1981) denomina este movimento de concentração produtiva e renovação técnica do setor cervejeiro; tal perspectiva pode ser observada por meio da inserção de técnicas modernas, como o método da baixa fermentação em câmaras frigoríficas (PIMENTEL, 1945). Em conjunto a isso, o crescimento da pro-

dução será acompanhado pela formação de uma rede logística de abastecimento do mercado local/regional por empresas do setor.

Mesmo com a estrutura industrial se consolidando no estado, salienta-se que o crescimento das indústrias cervejeiras será impactado por alguns adventos do início do século XX como a primeira guerra mundial (1914 a 1918), que dificultou o acesso da matéria-prima para a produção da cerveja; a crise de 1929, a qual impactou diretamente no poder de compra da população; o crescimento da estrutura empresarial concentrada na Região Sudeste em torno das companhias Brahma e Antarctica; a expansão das empresas do Sudeste para a Região Sul<sup>7</sup>.

Salienta-se que as companhias originárias no sudeste, principalmente as empresas Brahma e Antarctica, consolidaram-se no mercado nacional na virada do século XX como grandes centros produtivos. Nesta perspectiva, nota-se uma das principais tendências destas empresas: a expansão por meio da compra de estruturas produtivas em funcionamento pelo território nacional: “Assim mostravam-se, já em 1904, as tendências para concentração de firmas, as quais mais tarde chegaram quase a uma total monopolização do mercado interno, liderado pela Brahma e Antarctica.” (KOB, 2000, p. 39).

Frente a este movimento de expansão para fora do eixo Rio-São Paulo das empresas Brahma e Antarctica, as companhias originárias do Rio Grande do Sul desenvolveram estratégias para se manter competitivas no mercado regional, entre as quais destaca-se a fusão de capitais ao longo das décadas de 1920, 1930 e 1940, buscando sobreviver tanto às crises econômicas como também às investidas de empresas externas ao estado.

Exemplo desse movimento é a fusão das empresas Bopp & Irmãos, Bernar do Sassen & Filho e H.Ritter no ano de 1924, formando a cervejaria Continental em Porto Alegre; e a união das cervejarias Ritter, Anselmi & Filhos (localizadas no município de Pelotas) com a cervejaria Schmidt (localizada do município de Porto Alegre), originando a cervejaria Sul-Brasil Ltda.

O modelo empresarial gaúcho seguiu, então, a mesma lógica de desenvolvimento das empresas do sudeste, ou seja, a incorporação técnica e aquisição de unidades fabris menores como forma de dominar o mercado regional. Importante destacar, conforme aponta a Estatística Industrial do Rio Grande do Sul (1939), a existência de diversas unidades fabris de pequeno porte no estado, totalizando 125 fábricas de cervejas e gasosas que encontravam-se espacialmente dispersas. Contudo, em contradição a esta característica de diversificação produtiva, nota-se no mercado gaúcho nesse período o domínio quase que absoluto de três empresas, sendo elas a cervejaria Continental, a cervejaria Sul-Brasil Ltda e, em menor proporção, a Cervejaria Concórdia (localizada no município de Livramento/RS).

A conjuntura cervejeira sulina passa a vivenciar um revés do consumo de produtos regionais/locais a partir do início da década de 1930. Conforme apontam os anais da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul (1936), há uma preocupação por parte dos grandes produtores com a diminuição da venda de cervejas e o aumento da taxa de essa bebida por parte do estado.

---

<sup>7</sup> Destacamos que o significativo crescimento das empresas do sudeste são derivados de algumas características próprias da região dentro da formação econômica brasileira, entre as quais sobressaem-se: a proximidade com o maior mercado consumidor brasileiro; a significativa concentração de capital na região (FURTADO, 2003; SINGER, 1968); a facilidade logística de chegada de matéria-prima; e as vantagens no que tange a distribuição da bebida para o Brasil devido a existência de redes de integração comercial consolidadas.

Não podemos atinar com os motivos que tem levado os legisladores, quer da Nação, quer do Estado, a tributarem exorbitantemente a cerveja, equiparando-a às demais bebidas fortemente alcoolicas e nocivas, procurando promover, assim, o seu encarecimento por todos os meios e impossibilitando, cada vez mais, o seu consumo pelas classes menos favorecidas. (ANAIAS DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 1936. p. 474)

As palavras do representante da empresa Bopp, Sassen, Ritter & Cia. Ltda na assembleia do estado trazem o contexto de diminuição da venda das cervejas fruto das transformações do mercado nesse período<sup>8</sup>. Uma das principais preocupações residia na concorrência desleal que a taxaço sobre a cerveja gaúcha ocasionaria, podendo diminuir o consumo regional, aumentar a importação de cervejas e reduzir a lavoura da cevada. Logo, denota-se que a inserção de novos atores em conjunto às políticas de taxaço poderia impactar tanto no espaço urbano como rural, ocasionando danos drásticos para a economia do estado. Mesmo com o pedido acatado pela Assembleia Legislativa, a entrada de produtos oriundos do Sudeste ocorreu com maior afinco nos anos posteriores, transformando as dinâmicas produtivas no Rio Grande do Sul.

As empresas do estado que não conseguiram competir com os preços das grandes companhias na segunda metade do século XX seguiram dois caminhos: o primeiro foi a aquisição de sua estrutura produtiva pelas grandes indústrias do sudeste; o segundo, o encerramento das atividades produtivas.

Observa-se que o movimento de decadência da produção regional cervejaria e o domínio das empresas Brahma e Antartica no mercado gaúcho iniciado nos anos de 1930 terá como auge a década de 1940. O avanço dessas empresas pode ser observado por meio das aquisições de grandes companhias sulinas no período mencionado como, por exemplo, a compra da cervejaria Carlos Ritter & Irmão e Cervejaria Sul Rio-Grandense pela empresa Brahma em 1940; a aquisição da cervejaria Continental e de suas subsidiárias em Pelotas e Passo Fundo pela Brahma no ano de 1946; a compra da cervejaria Polar localizada no município de Estrela no 1972 e, após um ano, incorporação da cervejaria Pérola, localizada no município de Caxias do Sul pela empresa Antartica (LIMBERGER, 2015; PESAVENTO, 1981; DUARTE, LOURENÇO; FONTANA, 2020).

Logo, ocorrerá a "desgauchização"<sup>9</sup> da produção cervejeira (PESAVENTO, 1981), processo que predominou durante grande parte da segunda metade do século XX e que terá como ponto de resistência a renovação da produção decorrente de pequenos empreendimentos (micro)cervejeiros que surgiram no início do século XXI.

## AS (MICRO)CERVEJARIAS NO RIO GRANDE DO SUL: O MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO PRODUTIVA

Durante as décadas de 1960/70/80, frente ao grande poder financeiro e de investimento das empresas Brahma e Antartica as (micro)cervejarias no âmbito local/regional do estado gaúcho perderam força. Tal fenômeno não é exclusividade do

---

<sup>8</sup> No ano de 1929, foram comercializados 8.188.796 litros e, no ano de 1933, somente 5.242.203 litros (ANAIAS DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 1936. p. 47).

<sup>9</sup> O termo "desgauchização" da produção cervejeira utilizado refere-se ao processo de inserção de capital externo (principalmente originário do sudeste brasileiro) no Rio Grande do Sul mediante a aquisição e/ou fusão de empresas gaúchas do ramo cervejeiro após 1940. Para maiores informações sobre o termo utilizado ver Pesavento (1981).



Rio Grande do Sul, alastrando-se pelo território nacional conforme aponta a pesquisa de LIMBERGER (2016).

Contudo, concomitante ao movimento de expansão deste oligopólio produtivo observa-se, na passagem da década de 1980 para 1990, um movimento de renovação produtiva e mercadológica, como nos aponta o autor Morado (2009, p. 57):

A partir da década de 1980, a cultura cervejeira no Brasil passa por uma refrescante transformação, impulsionada pelo renascimento da cerveja em todo o mundo. Diversas microcervejarias são abertas no país, modernas choperias renovam o ambiente do tradicional boteco, opções de estilos se ampliam e as mulheres se incorporam ao mercado de consumo, modificando o perfil predominantemente masculino de até então.

Para entendermos tal fenômeno torna-se necessário analisar a gênese desse movimento no mundo, a qual nos remete aos anos de 1970 e 1980 nos Estados Unidos da América, tendo em vista que nesse país originou-se um processo de reorganização de parte da produção cervejeira em pequenas unidades fabris, as quais buscavam a revalorização do mercado regional cervejeiro (GIORGI, 2015; SCHNELL; REESE, 2013).

O movimento faz parte de uma campanha denominada de "Campaign for Real Ale", que almejava um retorno à "cerveja tradicional e autêntica", tanto nos ingredientes como no seu modo de produção.

Desde a metade dos anos 1980, mais de 2.300 microcervejarias e *brew-pubs* brotaram e floresceram nos Estados Unidos da América. Argumentamos que essa expansão é mais do que só sobre cerveja. É, também, sobre o desejo de vários Americanos de se reconectar com o lugar. Tais cervejarias são frequentemente orgulhosas e auto-conscientes localmente, e, frequentemente, usam imagens e histórias associadas a lugares específicos com o objetivo de promover suas cervejas. (SCHNELL; REESE, 2013, p. 167, tradução nossa.)<sup>10</sup>

Esse processo originado nos EUA espalhou-se pelo mundo por meio de um ideal centrado na diferenciação das grandes companhias cervejeiras, tanto no que tange à lógica de produção, como também no consumo, possibilitando "que as cervejarias locais se mantenham enraizadas no território local" (MARCUSO, 2021, p. 257).

No Brasil, tal fenômeno será intensificado na década de 1990 em diversos estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. No andar histórico de renovação produtiva (micro)cervejeira no estado gaúcho nasce uma das primeiras empresas nacionais deste setor, a Dado Bier, fundada em 1995<sup>11</sup> no município de Porto Alegre. Nesse contexto, outras microcervejarias que utilizavam somente os ingredientes da Lei de Pureza Alemã (*Reinheitsgebot*) começaram a

---

<sup>10</sup> Em inglês, no original: "Since the mid-1980s, over 2,300 microbreweries and brewpubs have sprouted and flourished in the United States. We argue that this expansion is about more than just beer. It is also about a desire on the part of many Americans to re-connect with place.. Such breweries are often proudly and self-consciously local, and often use imagery and stories associated with a particular place as a means of promoting their brews."

<sup>11</sup> Seguindo a ordem cronológica, no ano de 1996 no município de Ribeirão Preto – SP seria criada a Cervejaria Colorado e, nesse mesmo estado, no município de Campos do Jordão (1999) foi fundada a Cervejaria Baden Baden. No ano de 1999 também surgiram no estado de Minas Gerais a Cervejaria Backer e a Cervejaria Wals. Na passagem do século, no ano de 2000, no estado do Pará originou-se a empresa Amazon Bier, localizada no município de Belém.

surgir no cenário cervejeiro gaúcho, tendo como auge desse processo a segunda década do século XXI (quadro 01).

Quadro 1. Número de cervejarias registradas no MAPA no estado do Rio Grande do Sul - Período de 2016 a 2020.

Ano	2016	2017	2018	2019	2020
Número de cervejarias registradas no Rio Grande do Sul	119	146	186	236	258

Fonte: MAPA, 2021. Elaborado pelos autores.

Vinculada a estrutura produtiva que começa a se estruturar no estado, torna-se necessário compreender que o crescimento das (micro)cervejarias será atrelado ao surgimento de empresas que dão suporte aos pequenos produtores. Tais estabelecimentos<sup>12</sup> possibilitam um maior acesso a produtos e informações sobre o labor cervejeiro. Conforme aponta Cruz (2016, p. 44), “antes do surgimento dos distribuidores, as (micro)cervejarias eram obrigadas a comprar grandes lotes de insumo, o que acarretava dois problemas, descapitalização e envelhecimento de estoque”.

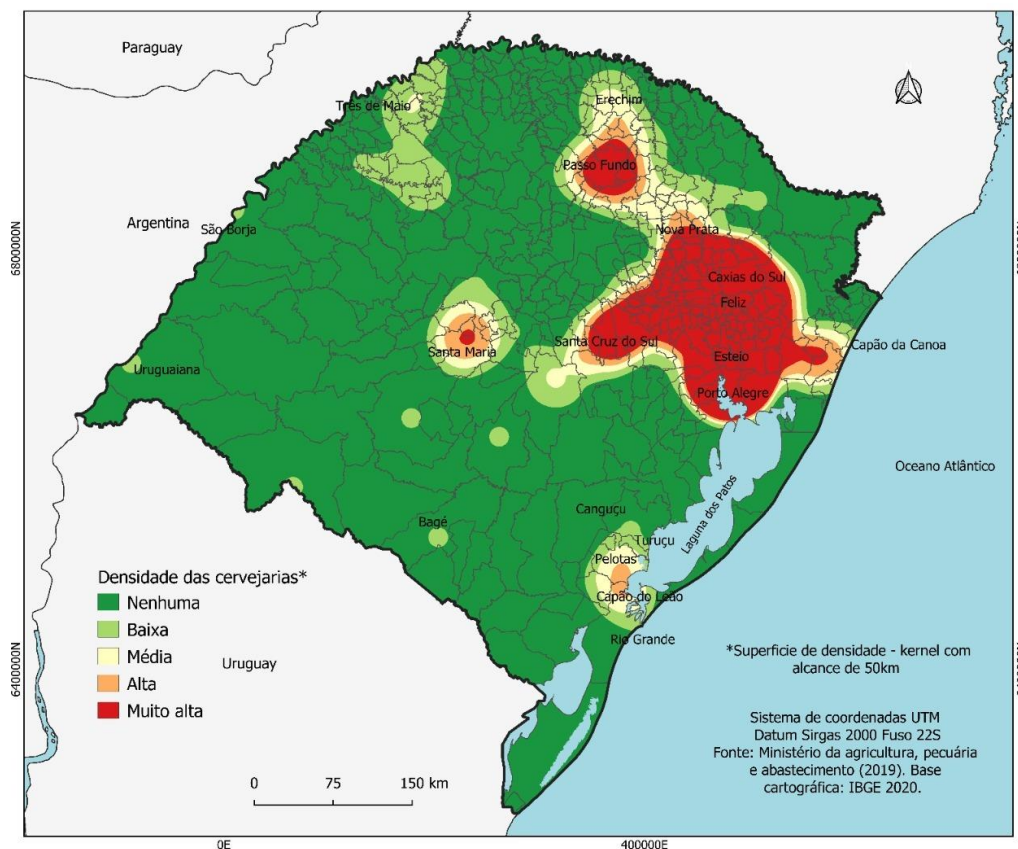
Em conjunto com a formação de uma estrutura logística que facilitaria o acesso a insumos, no ano de 2003 (micro)cervejeiros caseiros e entusiastas desse setor fomentam um movimento de união/cooperação com o intuito de trocar informação mediante a formação de fóruns e confrarias, o que originou redes de solidariedade espacial. Santos (2003, p. 146) destaca que as relações solidárias são construídas “por baixo” e produzidas de dentro para fora, consolidando-se no território e nas culturas locais.

Nesse sentido, a estruturação do movimento de renovação das (micro)cervejarias no estado origina-se de pequenos produtores que identificam-se com determinadas formas de pensar o universo cervejeiro, as quais extrapolam o *modus operandi* das grandes corporações que dominam o mercado brasileiro. A articulação solidária entre tais atores possibilitou o surgimento de uma das primeiras associações de cervejeiros artesanais do Brasil, denominada de “Acerva Gaúcha” no ano de 2007. Outras pedras angulares destacam-se nesse contexto, como a fundação da Associação Gaúcha de MicroCervejarias (AGM) e a criação do polo cervejeiro no bairro do Anchieta no município de Porto Alegre.

A partir das estruturas técnicas que facilitaram o acesso à matéria-prima e informações, os produtores construíram estratégias territoriais que possibilitaram o surgimento de inúmeras (micro)cervejarias dispersas pelo estado (Figura 01), as quais se profissionalizaram e buscam, nas lacunas deixadas pelo oligopólio nacional, fatias do mercado regional.

<sup>12</sup> Destacamos como exemplo no estado gaúcho a WE Consultoria, empresa fundada no ano 1997 no município de Porto Alegre, sendo responsável por auxiliar pequenas (micro)cervejarias no processo produtivo e no acesso a insumos.

Figura 1. Densidade de cervejarias no ano de 2020 - Rio Grande do Sul



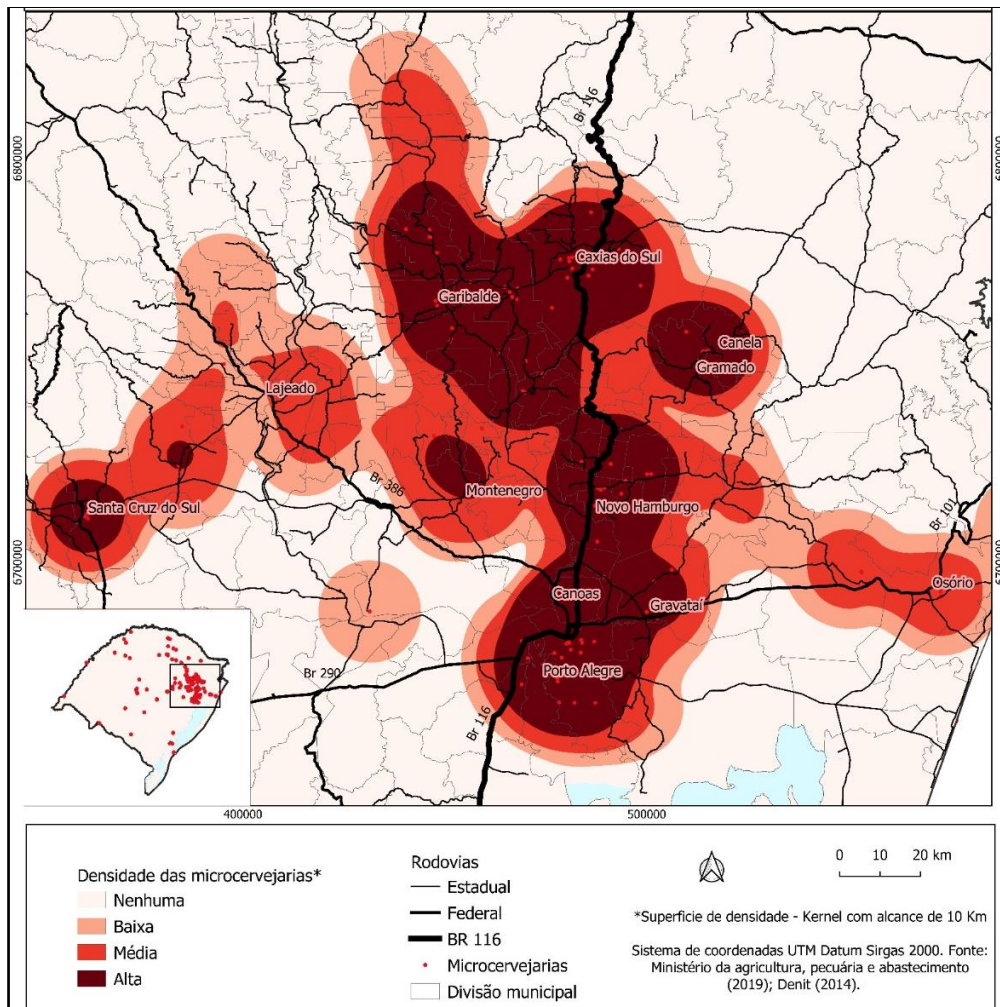
Fonte: MAPA, 2020. Elaborado pelos autores.

Podemos observar que o movimento de renovação segue uma linha histórica por meio da consolidação de determinadas áreas como nós principais do movimento cervejeiro gaúcho. Nota-se a formação de uma região concentrada, a qual é composta principalmente por (micro)cervejarias localizadas no município de Porto Alegre e Região Metropolitana. Tal conjuntura decorre de alguns fatores, como a significativa densidade demográfica (representada por um grande mercado consumidor), facilidade logística para receber matéria-prima e, entrelaçado a isso, a centralização do PIB estadual.

No entorno da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) formou-se um arco que abarca uma continuidade produtiva que liga a capital a municípios da Região Nordeste do estado. Nesse sentido, nota-se que emergem novas centralidades do movimento (micro)cervejeiro, as quais extrapolam a área da RMPA e formam um *continuum* produtivo (Figura 02).

Ao traçarmos um trajeto que liga a RMPA à Região Nordeste do estado gaúcho nos deparamos com algumas localidades que transformam-se em grandes polos produtivos, como Novo Hamburgo, Esteio e São Leopoldo, uma vez que são áreas de franca expansão de empreendimentos cervejeiros. Salienta-se a existência neste recorte espacial de uma ampla rede logística, a qual tem como base técnica a densa malha rodoviária e urbana que interliga esses municípios

Figura 2. *Continuum* produtivo (micro)cervejeiro do Rio Grande do Sul.



Fonte: MAPA, 2020. Elaborado pelos autores.

Seguindo ao norte deste *continuum* produtivo, através da rodovia federal BR-116, chegamos ao segundo município do estado com o maior número de empresas desse setor: Caxias do Sul, o qual detém um total de 13 (micro)cervejarias registradas no MAPA (2020). Esse caracteriza-se como o principal município da Região Metropolitana da Serra Gaúcha (RMSG) e desponta como polo econômico do estado, conforme apontam os dados da Secretaria de Coordenação e Planejamento (2002) e estimativas da Fundação de Economia e Estatística (1981). Em comum acordo com essa perspectiva, segundo o autor Fialkow (2015), Caxias do Sul e a denominada Região Nordeste possuem uma linha de tendência voltada para o crescimento, tanto demográfico como de renda.

Ao mesmo tempo, a característica de concentração nesse município e a proximidade territorial com outras localidades possibilita a dispersão de empreendimentos pela região como, por exemplo, nos municípios de Bento Gonçalves, Farroupilha, Canela, Gramado, Garibaldi, Feliz, Gramado, Guaporé, Nova Petrópolis, Nova Prata, entre outros. Salientamos que, do total de empreendimentos cervejeiros no Rio Grande do Sul, os municípios supracitados abarcam aproximadamente 25%, o que denota a importância desse recorte espacial para o setor.

Como característica, a região encontra-se interligada por rodovias de fluxo rápido que facilitam tanto o recebimento de matéria-prima como o escoamento do produto. Realçamos, ainda, que esse recorte espacial apresenta-se como o destino turístico de maior atratividade do estado, destacando-se os municípios de Bento

Gonçalves, Gramado e Canela. Nessa seara, o setor econômico voltado ao turismo forma uma rede de fixos e fluxos que retroalimentam a possível expansão desta malha (micro)cervejeira, originando novas empresas e atraindo potenciais consumidores. A importância desse movimento culminou no ano de 2018 com a aprovação da lei nº 15.098, de 4 de janeiro de 2018 que instituiu a "Região das Cervejarias Artesanais", a qual abarca ao todo 22 municípios e se estende da RMPA (município de São Leopoldo, Novo Hamburgo, Estância Velha, Ivoti, Dois Irmãos, Campo Bom etc.) até o Nordeste do estado, representado por Gramado e Canela<sup>13</sup>.

O movimento (micro)cervejeiro gaúcho adentra igualmente à Região Norte e Noroeste do Rio Grande do Sul por meio de empresas localizadas nos municípios de Passo Fundo,<sup>14</sup> que conta com seis cervejarias, e Erechim (conta com um empreendimento); na Região Noroeste sobressai-se o polo cervejeiro de Três de Maio e arredores. Importante salientar que os municípios citados integram e articulam uma série de localidades menores com forte produção agropecuária, concentrando nessas localidades diversos serviços (IPEA, 1999). Além disso, tais localidades dispõem de uma ampla rede rodoviária que integra municípios menores com os polos econômicos, possibilitando um fluxo de pessoas não só na escala local, mas também no âmbito regional e estadual.

Nos caminhos que levam à região central do Rio Grande do Sul, visualiza-se a integração da RMPA a centros sub-regionais urbanos como a aglomeração Lajeado-Estrela (com 02 cervejarias) e Santa Cruz do Sul (04 cervejarias). Essa conjuntura é verificada devido ao crescimento do setor industrial e de serviços nas cidades médias e nos espaços perimetropolitanos, "convertendo estes núcleos urbanos em polos de atração de migrações internas e inter-regionais" (SOARES; HALAL; GODOY, 2005, p. 02). Ademais, Soares (2018, p. 24) salienta que as indústrias em algumas cidades médias possuem um papel central na economia regional, tendo em vista que "possuem ligações rápidas e eficientes com as metrópoles".

Nesse recorte espacial ganha importância da mesma forma o município de Santa Maria com 03 empreendimentos cervejeiros. Esse caracteriza-se principalmente pela produção local voltada ao abastecimento regional, tendo em vista que essa localidade possui um significativo poder de influência no interior gaúcho mediante a concentração de serviços em uma região com predomínio de atividades primárias.

Ao observarmos a Região Sul destacamos, em termos de características territoriais, que essa área possui menores densidades demográficas e uma grande dependência do setor primário, principalmente da pecuária extensiva, sobressaindo-se como polos produtivos os municípios de Pelotas e Rio Grande. Conforme destacam Vieira e Lihtnov (2018), para compreender o contexto regional do Sul deve-se levar em consideração o papel que ambos os municípios detêm com base na forma de organização e concentração territorial dos setores de comércio e serviços. Em termos produtivos cervejeiros, essa região tradicionalmente consolidou-se no Rio Grande do Sul e Brasil como um grande centro produtivo, principalmente centrado no município de Pelotas no início do século XX; todavia, entrou em declínio após 1940. Dentro do processo de renovação da produção do século XXI, observa-se o

---

<sup>13</sup> Fazem parte da "Região das cervejas artesanais" um total de 22 municípios, sendo eles: São Leopoldo, Novo Hamburgo, Estância Velha, Ivoti, Dois Irmãos, Morro Reuter, Santa Maria do Herval, Presidente Lucena, Linha Nova, Picada Café, Nova Petrópolis, Gramado, Canela, São Francisco de Paula, Alto Feliz, Campo Bom, Feliz, Igrejinha, São Vendelino, Sapiranga, Três Coroas e Vale Real.

<sup>14</sup> No município de Passo Fundo, destacamos a empresa "Farrapos", a qual possui como área de abrangência de vendas a escala estadual e consolida-se no mercado sulino nos últimos anos como uma das principais empresas cervejeiras gaúchas.

surgimento de pequenos empreendimentos cervejeiros, os quais concentram-se nos municípios de Pelotas com cinco (micro)cervejarias, Rio Grande com um total de duas e Turuçu com um empreendimento (LOURENÇO, 2019; FONTANA, 2018).

Ainda, podemos evidenciar a formação de pontos difusos no Rio Grande do Sul em áreas distantes dos principais polos econômicos, o que denota que o movimento (micro)cervejeiro produz múltiplas territorialidades, as quais vêm dinamizando o setor nos últimos anos e transformando o estado num dos principais polos da renovação produtiva brasileira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de cerveja possui um papel central para o Estado brasileiro, configurando-se como um importante dinamizador da economia que mobiliza o setor primário, secundário e terciário. Todavia, como característica geral, há no território nacional a formação de um oligopólio produtivo/mercadológico que domina mais de 90% do mercado.

No sentido contrário, apontamos no trabalho que no século XXI há o surgimento de novos empreendimentos cervejeiros que se estruturam e buscam se inserir no mercado nacional. Esses, em sua maioria, caracterizam-se pela pequena produção com foco principal na escala local/regional e, nesse movimento, alguns estados brasileiros ganham relevância, entre os quais destaca-se o Rio Grande do Sul.

O estado sulino destaca-se não somente em razão de sua estrutura produtiva atual, mas também devido a sua historiografia relacionada à produção cervejeira. Logo, apontamos que o Rio Grande do Sul possui uma origem produtiva relacionada diretamente à imigração alemã no século XIX, a qual inicialmente tem no labor cervejeiro a possibilidade de produção simbólica de identificações com o passado.

Demonstra-se, então, que a gênese artesanal que estrutura as primeiras (micro)cervejarias, centrada na pequena produção familiar, transformaram-se no final do século XIX e início do XX com o crescente processo de industrialização, ocasionando o deslocamento dos centros produtivos para as áreas urbanas do estado, destacando-se os municípios de Porto Alegre, Pelotas e São Leopoldo.

Podemos evidenciar na pesquisa que a emergência de grandes indústrias cervejeiras nas localidades analisadas será acompanhada pela consolidação, na Região Sudeste, de grandes corporações que buscam expandir seu mercado por meio da aquisição de empresas. Nesse contexto, o Rio Grande do Sul tornou-se uma das áreas de expansão desse capital, o que corroborou com a decadência das empresas gaúchas após 1940.

Com o enfraquecimento produtivo das empresas sulinas, observa-se o domínio do mercado regional pelas empresas Brahma e Antarctica, característica essa que também se alastra em grande medida para todo o território nacional. Contudo, os resultados da pesquisa evidenciam que há um movimento de renovação da produção cervejeira do Rio Grande do Sul após 1990, tendo como grande momento de expansão a segunda década do século XXI.

A insurgência de novos produtores, em parte inspirados no movimento de renovação produtiva dos EUA nos anos de 1970, terá como princípio o retorno a uma produção especializada que objetiva adentrar ao mercado local e regional. Observa-se por meio dos dados levantados que esse movimento será acompanhado pela concentração produtiva em alguns pontos específicos do estado gaúcho, ganhando destaque a capital Porto Alegre (e alguns municípios da região metropolitana) e sua coligação com a Região Metropolitana da Serra Gaúcha. Esta área foi denominada



de *continuum* produtivo, o qual caracteriza-se por possuir um elevado número de empreendimentos que se encontram interligados por meio de uma densa malha rodoviária que possibilita a rápida difusão de mercadorias, capital e pessoas.

Nesse contexto, além da RMPA, ganham significativa importância os polos econômicos da Região Nordeste como Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Farroupilha, Gramado, entre outros. Também constatamos que a forte atratividade turística dessa região vem ocasionando nos últimos anos um aumento no número de (micro)cervejarias.

Outras áreas do Rio Grande do Sul igualmente são apontadas como polos cervejeiros; estas têm como particularidade a localização em municípios que concentram maior poder econômico regional como, por exemplo: Pelotas e Rio Grande na Região Sul; Santa Maria e Santa Cruz do Sul na Região Central; e Passo Fundo na Região Norte.

A visão de sobrevoo nos demonstra que a configuração da produção (micro)cervejaria no Rio Grande do Sul historicamente concentrou-se em determinadas áreas, característica esta que segue vigente. Por fim, compreendemos que o setor produz uma dinâmica territorial importante para o estado gaúcho, tendo como base o engajamento de atores locais que, por meio de uma produção especializada, estimulam a economia regional.

## REFERÊNCIAS

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 79ª Sessão, 1936. Porto Alegre. **Anais**. p. 471-480.

BARTH-HAAS GROUP. **Beer Production**. 2020. Disponível em: [https://www.barthhaas.com/fileadmin/user\\_upload/downloads/barth-berichte-broschueren/barth-berichte/englisch/2010-2020/barthhaas\\_report\\_2020\\_en.pdf](https://www.barthhaas.com/fileadmin/user_upload/downloads/barth-berichte-broschueren/barth-berichte/englisch/2010-2020/barthhaas_report_2020_en.pdf) Acesso em: 08/07/2021.

BRUM NETO, Helena. **Os territórios da imigração alemã e italiana no Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2012.

CARLSON, R.; WEHBRING, R. **Microbrewing the Bioeconomy: Innovation and Changing Scale in Industrial Production**. EUA: Biotics LLC, 2011.

CERVBRASIL. 2021. **Dados do setor cervejeiro nacional**. Disponível em: [http://www.cervbrasil.org.br/novo\\_site/dados-do-setor/](http://www.cervbrasil.org.br/novo_site/dados-do-setor/). Acesso em: 08/07/2021.

COLEÇÃO DE LEIS DO BRASIL. 1808. Página 1. Vol. 1 (Publicação Original).  
CRUZ, Renan Carvalho. **Consumo e formação de mercado: um estudo sobre as microcervejarias de Porto Alegre**. Porto Alegre, 2016.

DUARTE, Tiaraju Salini; LOURENÇO, William Martins; FONTANA, Guilherme. **Origem, Ascensão e Decadência das Cervejarias no Estado do Rio Grande do Sul: Um Recorte Espaço-Temporal do Século XIX E XX**. REVISTA CAMINHOS DE GEOGRAFIA, Uberlândia - MG v. 21, n. 73 Mar/2020 p. 368–379.

RIO GRANDE DO SUL. **Estatística industrial do Rio Grande do Sul**. 1937. Porto Alegre, Globo, 1939.

FRANZ, Juliana Cristina. **Imigração e colonização Alemã no Vale do Taquari/RS: As continuidades e Descontinuidades do processo de identificação territorial**. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Maria. 2020.

FIALKOW, Jaime Carrion. **Distribuição, relevância e estrutura produtiva dos polos regionais do Rio Grande do Sul**. Indic. Econ. FEE, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 65-80, 2015.

FONTANA, Guilherme. **As microcervejarias no estado do Rio Grande do Sul: a regionalização da produção**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Pelotas.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 32ª ed. – Companhia Editora Nacional – São Paulo. 2005.

FURTADO, Celso. **Raízes do Subdesenvolvimento**, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2003.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA (FEE). **Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul – Censos do RS 1803-1950**. Porto Alegre, 1981.

GIORGI, Victor. V. **“Cultos em cerveja”**: discursos sobre a cerveja artesanal no Brasil. Soc. e Cult., Goiânia, v. 18, n. 1, p. 101-111, jan./jun. 2015.

HAESBAERT, Rogério.. **Dos múltiplos territórios a multiterritorialidade**. Porto Alegre, Setembro de 2004.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 10a ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2016.

KOB, Edgar. **Como a cerveja se tornou bebida brasileira**: a história da indústria da cerveja no Brasil desde o início até 1930. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, ano 161, n. 409, out./dez. 2000. pp. 29-58.

LIMBERGER, Sílvia. ESPÍNDOLA, Carlos. **A desnacionalização da indústria cervejaria no Brasil: da reestruturação produtiva aos movimentos de fusões e aquisições**. Ateliê Geográfico, Goiânia, v.13, 2, ago/2019, p. 148-164.

LIMBERGER, Sílvia. TULLA, Antoni. **A emergência de microcervejarias diante da oligopolização do setor cervejeiro (Brasil e Espanha)**. Finisterra, LII, 105, 2017, pp. 93-110.

LIMBERGER, Sílvia Cristina. **Estudo geoeconômico do setor cervejeiro no Brasil**: estruturas oligopólicas e empresas marginais. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

LOURENÇO, William Martins. **A territorialidade da produção (micro)cervejaria no**



**município de Pelotas:** uma revolução em andamento. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Pelotas.

MAPA, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Anuário da cerveja 2020.** Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/com-crescimento-de-14-4-em-2020-numero-de-cervejarias-registradas-no-brasil-passa-de-1-3-mil/anuariocerveja2.pdf>. Acesso em 22/04/2021.

MARCUSSO, Eduardo Fernandes. **Da cerveja como cultura aos territórios da cerveja: uma análise multidimensional.** 2021. 403 f., II. Tese (Doutorado em Geografia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

MARCUSSO, Eduardo Fernandes. **As Microcervejarias no Brasil Atual: Sustentabilidade e Territorialidade.** Dissertação (Mestrado) Programa de Pós- Graduação em Sustentabilidade na Gestão Ambiental, Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2015.

MORADO, Ronaldo. **Larousse da Cerveja.** São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A Economia Gaúcha nos Anos Trinta: Agropecuária Colonial e o Processo de Industrialização na República Nova (1930-1937).** Estudos Ibero-Americanos, v. 7, n. 1, 2, p. 117-122, 31 dez. 1981.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **RS: agropecuária colonial & industrialização.** Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983. 216p.

PIMENTEL, Fortunato. **Aspectos Gerais de Porto Alegre.** Porto Alegre: Imprensa Oficial, 2 volumes, 1945.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Coordenação e Planejamento. Perfil da Região da Serra. Porto Alegre: 2002.

ROTOLO, Tatiana.; MARCUSSO, Eduardo Fernandes . **A cerveja no Brasil Holandês: notas sobre a instalação da primeira cervejaria do Brasil.** CONTEXTOS DA ALIMENTAÇÃO , v. 6, p. 73-93, 2019.

ROSALIN, João Paulo; GALLO, Fabricio. **Uma proposta de análise do Circuito Espacial Produtivo e dos Círculos de Cooperação no Espaço das “Cervejas Especiais” a partir do crescimento das microcervejarias no estado de São Paulo.** In Revista Formação (Online) Vol. 2; n. 23, ago/2015, p. 82 -103.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SAQUET, Marcos Aurelio. BRISKIEVICZ, Michele. **TERRITORIALIDADE E IDENTIDADE: UM PATRIMÔNIO NO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL.** Caderno Prudentino de Geografia, nº 31, vol.1, 2009.

SAQUET, Marcos Aurelio.. **O desenvolvimento numa perspectiva territorial,**

**multidimensional e democrática.** RESGATE vol. XIX, Nº 21. jan./jun. 2011.

SAQUET, Marcos Aurelio. BRISKIEVICZ, Michele. **Territorialidade e identidade:** um patrimônio no desenvolvimento territorial. Caderno Prudentino de Geografia, no 31, vol.1, 2009.

SCHNELL, S. M. & REESE, J. F. **Microbreweries, Place, and Identity in th United States.** In: PATTERSON, Mark & HOALST-PULLEN, N. The Geography of Beer: Regions, Environment, and Societies. 2013.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana.** São Paulo, Nacional, 1968.

SOUZA, M. L. 1995. O território: sobre espaço, poder, autonomia e desenvolvimento. In: Castro et al. (orgs.) **Geografia: Conceitos e Temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. **"Metropolização, aglomerações urbano-industriais e desenvolvimento regional no sul do Brasil."** Cadernos MetrÓpole 20 (2018): 15-34.

SOARES, P. R. R.; HALAL, G. A.; GODOY, Daniel. **NOVOS RECORTES TERRITORIAIS E AGLOMERAÇÕES URBANAS NO SUL DO BRASIL.** Scripta Nova (Barcelona), Barcelona, v. Vol. I, p. 01-20, 2005.

VIEIRA, S. G.; LIHTNOV, D. D. Pelotas e a sobrevivência do setor terciário: uma vocação histórica. In: José Alberto Rio Fernandes; Maria Encarnação Beltrão Spósito. (Org.). **Brasil e Portugal, vistos desde suas cidades. As cidades vistas desde seus centros.** 1ª ed. Porto: Cultura Académica, 2018, v. 1, p. 345-370.